

## O valor da filosofia na psicanálise de Otto Rank

Julio R. Costa

Esta é uma tradução, pelo autor, do texto original em inglês aceito para publicação na edição de 2016 do periódico da Existential Psychoanalytic Institute and Society – EPIS, disponível em seu website:

### 1. Introdução

Entre os primeiros psicanalistas que, juntamente com Freud, formavam a Sociedade Psicanalítica de Viena, Otto Rank se destacava por, juntamente com Hanns Sachs, não ser originário do campo da medicina. Sachs era advogado, porém Otto Rank, tendo um doutorado em filosofia, se tornará em um caso à parte enquanto psicanalista. Depois de seu abandono das posições de Freud, tanto em relação à teoria como à prática clínica, o seu trabalho requer uma análise aprofundada, de modo ser fiel ao seu legado, o qual já tem obtido reconhecimento por diversos autores.

Tendo em consideração o perfil único de Otto Rank na Sociedade Psicanalítica de Viena, ocasionado pelo teor filosófico de sua obra, procura-se, neste artigo, tentar esclarecer o decisivo impacto de Nietzsche, Schopenhauer e Kant em sua obra, e como isso pode tornar compreensível as posições de Rank no contexto da história do pensamento.

Portanto, para além dos fundamentos fornecidos por Freud, veremos que é viável se dizer que, em sua obra, Otto Rank:

1. Aceitou o caráter ficcional das construções humanas, a partir de Nietzsche;
2. A partir de Schopenhauer, adotou a *vontade* como o fundamento do mundo, e, igualmente, como o fundamento do contato do ser humano com o mundo;
3. Com Kant, considerou o *númeno* como o lugar do *ser*, de tal forma que as ideologias, bem como suas estruturas sociais, estão condenadas ao fracasso a longo prazo, enquanto o *ser* do humano está alocado no númeno de Kant, e, assim, é portador de um valor que não pode jamais ser desacreditado.

### 2. Uma visão geral da teoria de Otto Rank

Otto Rank considerava que o impulso criativo no indivíduo, que tem como seu fundamento a vontade, é a base de um processo em que a pessoa se torna mais e mais

única e diferenciada. Esse desenvolvimento se desdobra na história de vida do indivíduo, na medida em que ele luta, conquista, cria, e interage com seus iguais. Nesse processo, o indivíduo se torna um agente de *afirmação*, que aprende, recria e renova os valores da comunidade. Nesse processo, o desenvolvimento da vontade e da progressiva individuação se dará no sentido de tornar o indivíduo, tanto quanto permitirem as limitações humanas, no criador de sua personalidade, e, simbolicamente, no criador de si próprio. Isso implica a intenção do indivíduo, enquanto agente que expressa a vontade, em se perpetuar, o que é impossibilitado fisicamente pela morte. Essa perpetuação será, portanto, buscada por meios simbólicos durante a vida e para além dela, no contexto de sua interação na comunidade, independentemente da falência das sucessivas ideologias pertinentes aos diversos contextos sociais e históricos.

Esses grandes sistemas de crença, denominados por Otto Rank de *ideologias*, são ligados a contextos históricos, e, com o passar do tempo, inevitavelmente perdem sua eficácia e são descartados. Porém, o término de cada ideologia não ocasiona dano ao *ser* da pessoa humana, na medida em que Rank, influenciado pela epistemologia e pela ética de Kant, posicionou o *ser* no âmbito do númeno, o que será abordado ao longo deste artigo.

É relevante assinalar que o maior reconhecimento da obra de Otto Rank em tempos relativamente recentes foi feito pelo antropólogo Ernest Becker, em seu livro *A negação da morte* (1972). Becker descreve as construções culturais necessárias para que o indivíduo possa confrontar sua condição de finitude, tendo em vista, especialmente, a morte. Assim, de modo a superar o medo incapacitante que surge da própria conscientização sobre a contingência do existir, a pessoa humana, em sua interação com os outros, constrói mecanismos que irão preservar e estimular a sua autoestima e a habilidade de efetiva interação no meio social. Porém, a visão de Becker postula um caráter consolador dos elementos culturais, enquanto negação e autoengano. Por outro lado, pode-se observar na obra de Rank a *afirmação positiva da vontade e do sentido*. Neste artigo, se focará o aspecto positivo, entendido como afirmação da vida, que pode, em termos do saber filosófico, ser apreendido a partir da *primazia da vontade*, do *aspecto ficcional das construções humanas*, e do *ser* do indivíduo como parte do númeno kantiano.

Pode-se observar o quanto é relevante que, na psicanálise de Otto Rank, esses aspectos afirmativos tomem o lugar do autoengano, instaurando, assim, uma afirmação

da vida e do sentido, a qual irá se refletir sobre a ética e a dignidade humana no interior de sua obra.

### 3. A Cultura e o Ser

É importante ressaltar o fato de que, quando Rank descrevia diferentes culturas ou mencionava as diversas religiões e sistemas simbólicos de diversos povos, ele mantinha grande respeito com todas essas construções culturais, nunca as desacreditando ou usando o recurso da ironia. Quando falava de diferentes culturas, fossem ocidentais ou de uma tradição completamente diferente, nunca as desacreditava, como poderia ser o caso de alguém que as observasse em contraposição ao que seria a moderna racionalidade ocidental.

A leitura de Rank nos revela um intelectual estoico e melancólico, que analisava a expressão heroica da vontade no âmago da pessoa, no *ser*. Em contraste, observamos a fragilidade da expressão social desse mesmo ser ao longo da história, devido à natureza ficcional das construções sociais em face da vontade que se manifesta no indivíduo – a qual é o próprio fundamento da vida.

Otto Rank apreendeu de Nietzsche a questão da natureza ficcional das construções humanas, enquanto que a vontade, como fundamento do ser, é derivada de Schopenhauer. A sentença de Kant, “*determina-te a ti próprio por ti próprio*”, proporciona o criticismo ético na teoria de Otto Rank, resguardando essa ética do ceticismo de Nietzsche e do pessimismo de Schopenhauer, ao mesmo tempo em que mantém o aspecto de crítica e questionamento da visão desses autores.

De acordo com Rank, necessitamos compreender que o ser humano necessita expressar o seu ser, na qualidade de um ser de valor único, e, igualmente, capaz de interação com os outros e integração com a comunidade. Sendo assim, é de fundamental importância que esse projeto de *ser mais* garanta a perpetuação dos valores da pessoa, os quais permitem a própria expressão de sua subjetividade no mundo. Deve-se ressaltar que se está buscando, principalmente, os valores da subjetividade e de sua dignidade, em um grau de abstração que nos irá remeter ao númeno kantiano.

Assim, o que se torna um problema para o *ser* é a fragilidade e falta de fundamentação das construções sociais de perpetuação da subjetividade, as quais Rank denomina de *ideologias*. Embora igualmente compartilhadas pelo indivíduo, são muito aderentes às estruturas sociais estabelecidas. Pelo fato de essas estruturas serem

impessoais, em algum momento irão se tornar ineficazes para promover a perpetuação simbólica do sujeito. Observamos, então, que a simbologia que era pertinente a determinada cultura, que proporcionava a afirmação e expansão do ser (aqui entendido como a pessoa), teve de ser substituída.

#### 4. Do dogmatismo ao criticismo, por via do ceticismo e do pragmatismo

À parte de determinadas influências provenientes de Schopenhauer, não existe metafísica em Otto Rank. Porém, o que mais facilmente pode ser percebido de Rank é a questão de seu afastamento de Freud, principalmente em relação ao materialismo que Freud representava. Na verdade, esse era o grande valor de Freud em relação a antigas visões dogmáticas e pseudocientíficas sobre o ser humano.

Como salientado por E. James Lieberman, o sucesso de Freud estava na criação de um sistema de investigação e compreensão que rompeu com as antigas ideias religiosas ou sobrenaturais, ou seja, com o dogmatismo:

Freud – ateu, neurologista e ex-hipnoterapeuta – foi pioneiro em uma psicologia sem espiritualismo ou metafísica, de modo a ser compatível com os requerimentos do novo materialismo científico, e considerou a religião como uma ilusão sem futuro. Rank respeitava a religião fosse ilusão ou não. (Lieberman in Rank, 1998, xviii).

Neste ponto, é necessária a compreensão de como e porque Rank respeitava os elementos da cultura “fossem ilusões ou não”. Vemos que a psicanálise expressou uma evolução do dogmatismo tradicional para o ceticismo, coerente com a atitude científica e racional de Freud, a qual era uma conquista no contexto da história da ciência.

O fato é que, de modo a ser consistente com a sua posição, Freud teve de desacreditar os códigos simbólicos tradicionais, considerando-os, assim, como sendo uma ilusão. A posição que Rank iria tomar, consistente com o seu respeito pela cultura, “fosse uma ilusão ou não”, seria partir do ceticismo rumo ao *pragmatismo*, e daí para o *criticismo*. Nesse processo, o ceticismo poderia ser representado pela posição de Freud, que o jovem Rank havia apoiado entusiasticamente; o pragmatismo, por outro lado, iria ser trazido por Nietzsche. Finalmente, teremos o criticismo de Kant – aonde podemos encontrar as raízes do que podemos considerar como uma *ética* presente em Otto Rank.

Começemos observando o pragmatismo. Pode-se dizer que assumimos como verdadeiro tudo aquilo que é relevante ser conhecido. A verdade é vista como uma concordância entre o ser e o pensar. Às vezes, porém, essa afirmação tem sido questionada. Isso ocorreu quando a questão do pragmatismo filosófico (que se originou

do ceticismo), com sua ênfase no que é útil, foi colocada. Na citação de Lieberman, a ideia do pragmatismo é clara: seja ou não uma ilusão, a religião é útil na sociedade humana. Essa era a atitude compartilhada por Rank, ele para ele as raízes dessa ideia do valor da utilidade estavam fundamentalmente em Nietzsche. Além de Nietzsche, podemos citar, como representantes do pragmatismo, Schiller e Vaihinger na filosofia, e William James, na psicologia.

Portanto, como seria o pragmatismo de Nietzsche? Torna-se necessário enfatizar um ponto: de acordo com Nietzsche, a concordância entre o ser e o pensar jamais pode ser conseguida, devido à historicidade humana. A consciência seria o “órgão” menos desenvolvido no ser humano. Para os seres vivos, que necessitam *agir* para afirmarem a si próprios no mundo, a força principal não é a inteligência, mas a *vontade de potência*.

Assim sendo, o ser humano é um ser que necessita agir; apenas de modo a agir melhor ele precisa pensar. Dessa forma, um juízo derivado do pensamento se torna verdadeiro no grau em que conserva, estimula e expande a vida. Assim temos o parâmetro da validade de um juízo – sua utilidade prática. De acordo com Nietzsche, o que necessitamos avaliar se determinado juízo está ou não a serviço da vontade de potência, ou seja, da expansão da vida.

Podemos observar que Rank interiorizou plenamente o ponto de vista do pragmatismo. Assim, os conteúdos da cultura não necessitam ter a sua validade confirmada *per se*, devido ao fato de que o importante é a sua utilidade em prover a pessoa de um sistema simbólico de perpetuação, como um fundamento para o *ser mais*, em termos amplos.

No entanto, Rank não se detém no pragmatismo. Sendo necessário garantir a expansão do ser, se torna natural a pergunta: de que *ser* estamos falando, visto que se considera impossível a metafísica? Neste ponto, temos o espaço devido para o criticismo de Kant.

Na trajetória de seu pensamento, Kant também experienciou a passagem do dogmatismo para ceticismo, principalmente devido ao pensamento de Hume, dentro do empirismo inglês. Kant concordou com Hume em relação à contingência do conhecimento, da qual se infere que nunca houve e nunca poderá haver uma metafísica, porém, considerou as consequências éticas do ceticismo como sendo inaceitáveis. Na verdade, todo o idealismo alemão (aonde Kant se incluía) se encontrou engajado em

defender a razão contra a dúvida e o relativismo do empirismo inglês. Kant, especificamente, se viu na posição de *defender a razão contra o ceticismo*, e esse ponto é muito importante para a nossa compreensão de Rank. Kant definia isso como uma crítica da própria possibilidade do conhecimento, na medida em que as ilusões especulativas, características do dogmatismo, precisam ser evitadas, juntamente com a redução de tudo à experiência, no caso do ceticismo.

Será importante se retornar ao pragmatismo de modo a se observar o quanto de Kant pode ser encontrado em Nietzsche, precisamente em relação à possibilidade do conhecimento.

## 5. Conhecimento e ficção

O pragmatismo de Nietzsche teve o seu foco na vida a ser imediatamente vivida; era o espaço sem o infinito e o tempo sem a eternidade. Era um abandono da metafísica de Schopenhauer, a quem Nietzsche em sua juventude se referia como, “meu mestre”. Assim, em seus primeiros trabalhos, tais como *Verdade e mentira no sentido extra moral*, o jovem Nietzsche formula a questão, “o que nós podemos saber com certeza acerca do mundo, e em que medida nós sabemos realmente sobre o mundo? ”.

A dúvida de Nietzsche era bastante abrangente: como podemos ter certeza de que o mundo se revela aos nossos sentidos como ele realmente é? Nós não estamos nos perguntando neste momento se os nossos sentidos são capazes de perceber corretamente o mundo, mas se o mundo, em si, se revela aos nossos sentidos de forma verdadeira, como ele realmente é. Além disso, deve-se levar em consideração que o mundo ocasiona um estímulo nervoso em nossos sentidos, o qual não necessariamente será fiel ao estímulo exterior; essa excitação nervosa irá disparar um pensamento no cérebro, e nós não sabemos o quanto esse pensamento será fiel ao estímulo nervoso. E não sabemos o quanto a palavra, que expressa o pensamento, será fiel ao pensamento.

Com base nessas perspectivas, pode-se dizer que apenas se tem aproximações, ou, na crítica de Nietzsche, ilusões compartilhadas coletivamente. Como ele escreveu:

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transportadas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só entram em consideração como metal, não como moedas. (NIETZSCHE, 2014, P. 66.).

O que será importante para a nossa compreensão do pragmatismo e de Rank será o quanto essa dúvida sobre a capacidade de conhecer irá minar os fundamentos de qualquer sistema que se pretenda absoluto, com ênfase na esfera moral e social. Porém Nietzsche irá, por essa via, desacreditar não apenas os sistemas sociais, mas igualmente a própria pessoa, na medida em que a consciência de si é extremamente débil em relação às forças da natureza, além de suas construções não terem fundamento. Quando Nietzsche nos diz que não devemos ter nenhum egoísmo, isso é porque aquilo que nossa consciência considera importante para nós é um nada perante o que as forças da vida e da natureza estejam, digamos assim, planejando para nós, e nossa vontade – a vontade do cultivo do nosso “eu” ficcional – não pesará em nada em relação ao fluxo dos acontecimentos. Mas igualmente, Nietzsche nos lembra, não devemos sair do egoísmo para o altruísmo, pois a vontade do outro igualmente não terá poder nenhum diante do grande esquema das coisas, diante do que a vida reservou para ele, sem levar em consideração, em nenhum momento, a fabulação que é sua pretensa autoconsciência.

Veremos, no decorrer deste artigo, por quais razões Rank irá aceitar de Nietzsche a crítica ao fundamento absoluto dos sistemas sociais, mas não irá aceitar a crítica à consciência e ao *ser* da pessoa.

## 6. O *a priori* humano e o núnemo

Foi Hans Vaihinger que nos assegurou que “há mais Kant em Nietzsche do que normalmente se imagina”. Em sua visão, isso se daria por aquela dúvida radical em relação à capacidade de se conhecer o mundo. Essa dúvida, segundo Vaihinger, teria sua origem na *Crítica da razão pura*, de Immanuel Kant, onde se coloca a questão do fenômeno e da coisa em si.

Na *Crítica da razão pura*, Kant irá analisar a possibilidade do conhecimento, e, vendo o conhecimento como contingente ao *a priori* do ser humano, irá contestar a possibilidade da metafísica, no sentido de um *conhecimento* sobre Deus, o mundo e a alma. Pelas conclusões desse livro, ele será denominado de “destruidor”, pois as pessoas fundamentavam sua crença nesse conhecimento, ao ponto do rei Frederico II proibir Kant de comentar e escrever sobre seu livro *A religião nos limites da simples razão* por dois anos. Deve-se compreender que Kant era um filósofo do Iluminismo, e como tal almejava ir contra todo o dogmatismo.

Precisamos, porém, compreender como ele tencionava proteger a razão contra o ceticismo justamente com alguma coisa que poderia dar respaldo ao ceticismo. A resposta está em livro posterior, *Crítica da razão prática*, onde ele irá colocar os fundamentos da moral, apresentando o *criticismo* como uma alternativa ao dogmatismo, e, igualmente, ao ceticismo.

Kant procurava uma ética que poderia ser alcançada por um homem do Iluminismo, onde os determinantes dogmáticos da moral, de base sobrenatural, deveriam ser substituídos por categorias que pudessem ser argumentadas racionalmente.

A chamada “revolução copernicana” de Kant foi justamente colocar a razão do sujeito como determinante do conhecimento do objeto. É a capacidade de conhecer do sujeito que determina o objeto. Veremos como será extremamente importante o fato de que a razão não mais se dobra perante seu objeto de conhecimento, e, em todos os momentos, irá permanecer fiel às suas próprias leis, ser coerente consigo própria. A razão torna-se uma *razão legisladora*. Não era assim quando o objeto era o determinante do sujeito, e do ato de conhecer do sujeito.

Esse desenvolvimento foi necessário para Kant devido ao fracasso do dogmatismo em conhecer a realidade, principalmente por meio das tentativas de metafísica implícitas em seu bojo. Deve-se enfatizar aqui que se almejava *conhecer* de uma forma que pudesse ser tão efetiva e verificável quanto o conhecimento proveniente da lógica e da matemática. Assim, tornou-se necessário para Kant estudar a própria faculdade da razão, conhecer a sua interioridade, as suas regras e limites.

Kant colocou que sempre se interroga a natureza por meio das exigências que já estão contidas na razão humana, ou seja, nas formas *a priori* do conhecimento. O ser humano conhece o real por essas formas, que existem *a priori* na razão, e que a sua capacidade de conhecer coloca sobre os dados da experiência sensível. Todo o real, portanto, é fruto de uma construção humana a partir da experiência sensível submetida às formas *a priori* da razão pura. Aquilo que está para além do alcance da razão é a *coisa em si*, a realidade última, que o ser humano não tem como *conhecer*, mas pode *pensar* por meio de símbolos.

Kant se diferencia do pensamento metafísico pelo fato de que o *sujeito* e a *subjetividade* não irão ter uma “substância”, mas haverá a *consciência de si* que acompanha todo ato cognitivo e toda experiência consciente. Esses atos cognitivos estão



estabelecidos por limites que delineiam a experiência dos fenômenos, pois é impossível para a consciência falar daquilo que está além dos fenômenos (a coisa em si). Mas essa consciência de si *precisa ser pressuposta*, devido ao fato de não ser possível haver uma “consciência da consciência”. Considerando que não temos experiência imediata dos objetos dos sentidos, mas apenas chegamos a ele por intermédio das representações, as quais são fornecidas pelas possibilidades já contidas na razão, temos que a *consciência dos objetos* não tem uma dignidade maior ou menor que a *consciência de si*, pois elas são concomitantes.

Observe-se que o que pode ser *conhecido* é o fenômeno, o mundo dos fenômenos que se apresentam imediatamente ao ser humano. Eles podem ser conhecidos e pensados. O mundo das determinações morais não é objeto da experiência sensorial, e pode ser apenas pensado. É o mundo do *númeno*, distinto do fenômeno. Assim, os fenômenos estão no mundo sensível, e o númeno se encontra no mundo *inteligível*, que é suprassensível. Porém – e isto era muito importante para Kant – o mundo suprassensível não era metafísico ou sobrenatural, é um mundo que pode ser apenas concebido por meio de símbolos que a razão necessita postular. Ele é necessário no âmbito da *ação prática*, em concordância com a razão. Essa ação se torna, portanto, *ação moral*.

É digno de nota que, na concepção desse mundo inteligível, que é “compreensível apenas em termos morais”, e onde todas as determinações são morais, Kant segue a antiga teoria de Platão do mundo das ideias (Kant, 2012, p. 107). Kant nos diz:

Como tratamos (ou julgamos) aqui meramente de ideias que a própria razão cria para si, cujos objetos (se é que existem) residem muito longe do nosso horizonte, e como, ainda que seja preciso considerá-las vãs para o conhecimento especulativo, não precisam, por isso, serem vazias em todos os sentidos, mas a própria razão legisladora coloca-as dentro do nosso alcance com propósito prático, não para que nos ponhamos a refletir sobre seus objetos, sobre o que sejam em si e segundo sua natureza, mas para que os pensemos em proveito dos princípios morais, direcionados ao fim último de todas as coisas (pelo que, essas ideias, que de outro modo seriam absolutamente vazias, recebem realidade prática objetiva). (Kant, 2012, p.112).

Rank nos diz que o ser humano é um “ser teológico”, sem nunca discorrer sobre Deus, mas sobre as considerações da cultura em relação à ideia de Deus como um suporte para a perpetuação da pessoa. Poderíamos conceber que Rank se utiliza desses conceitos ao modo dos *princípios reguladores* em Kant e das *ficções* em Vaihinger.

Adicionalmente, isso vai refletir o caráter ficcional das construções humanas em Nietzsche, onde se pode observar ainda a presença da *coisa em si* kantiana:

É preciso estabelecer este princípio: somente vivemos pelas ilusões – a nossa consciência aflora na superfície. Muitas coisas estão ocultas aos nossos olhos. Não há mais por que se temer que o homem chegue a se conhecer *inteiramente*, que ele penetre a cada instante em todas as relações de força (...) que são necessárias à vida. (...) São, além disso, somente fórmulas para forças absolutamente incognoscíveis. (Nietzsche, 2013, p. 349).

Se tomarmos essas denominadas ilusões como *princípios reguladores*, o trabalho de Otto Rank ganha uma nova dimensão. Kant via os princípios reguladores como ideias que não são conhecimento em si, mas na verdade estabelecem orientações e balizamento para os procedimentos do ato de conhecer. Os *princípios constitutivos*, no entanto, estabelecem os fundamentos para os objetivos e possibilidades do conhecimento fundamentado nos dados da experiência sensorial.

Essas ficções irão também implicar na aceitação do númeno como a esfera aonde é alocado o sujeito, tendo em vista o respeito com que Rank trata o sujeito, o qual ele nunca desacredita, reconhecendo sua sinceridade.

## 7. Vontade, afirmação e autonomia

Apesar de Kant negar espaço à metafísica, Schopenhauer, mesmo criticando Kant, irá criar uma metafísica ao considerar a *vontade* como a realidade última. Será devido a Schopenhauer que certas considerações sobre uma abordagem metafísica da vontade irão aparecer na obra de Otto Rank.

Lembremos que, em Kant, temos que o pensamento especulativo (expresso na *Crítica da razão pura*) irá reconhecer o mundo dos fenômenos como a sua fronteira, e nessa fronteira irá parar. Reconhecerá que não tem como conhecer a coisa em si. Porém, Schopenhauer irá considerar a coisa em si como sendo a *vontade*, e assim, naquele ponto onde o pensamento havia reconhecido a sua fronteira, Schopenhauer o fará prosseguir adiante, agora no discernimento da vontade como sendo a própria coisa em si.

Sendo, em Schopenhauer, um conceito metafísico, a vontade não depende de nada que seja biológico; na verdade, Schopenhauer coloca que os seres vivos chegaram à existência para suprir a falta que a vontade já continha em si.

Em suas considerações sobre o ser humano, Schopenhauer nos afirma que aquilo que na pessoa não é fenômeno é a *vontade*, o que significa que o ser, sendo a coisa em si, é também a vontade. A vontade se mostra pela sua representação, que se apresenta como sendo o mundo, e, assim, é percebida pelo sujeito – e, dessa forma, Schopenhauer nos afirma que para o sujeito está garantido o mundo.

O conceito de vontade em Schopenhauer, como o fundamento do mundo dos fenômenos, estará presente em Otto Rank. De fato, Rank nos diz que o indivíduo é:

(...) the temporal representative of the cosmic primal force no matter whether one calls it sexuality, libido, or id. The ego accordingly is strong just in the degree to which it *is* the representative of this primal force and the strength of this force represented in the individual we call the will. (Rank, 1978, p. 4).

Deve-se notar aqui o quanto Rank realmente acredita no sujeito e no *ser*, pois está aqui, implícita, a ética kantiana. Isso nos leva de novo ao contato de Rank com a metafísica de Schopenhauer, pois esse distanciamento do *ser* com o contexto social e histórico torna-se não apenas implícito, mas também necessário.

Igualmente, Otto Rank irá refletir o pragmatismo de Nietzsche em um amálgama com a metafísica de Schopenhauer, no aspecto de primazia da vontade perante a consciência e o intelecto:

(...) will, guilt and consciousness maintain themselves differently, for the will, however one comprehends or interprets it, remains a constantly operating force, while consciousness above all is a quality, a state, and as such is passive and temporary, yes momentary. (Rank, 1978, p. 90).

Enquanto que para Schopenhauer o ideal seria a aniquilação da vontade, pois ela é a compulsão incessante que não deveria existir e que causa dor, para Nietzsche temos o usufruto da potência de viver, sem a necessidade de um absoluto ou de um fim último.

Nesse contexto, pode-se afirmar que Otto Rank irá preservar:

1. O aspecto neutro da primazia da vontade;
2. O aspecto negativo de sua compulsividade;
3. O aspecto positivo da vontade enquanto afirmadora pragmática da vida.

Influenciado pelos aspectos iluministas de Kant, Rank irá acrescentar sua epistemologia e ética quanto ao “determina-te a ti próprio por ti próprio”, donde poderemos acrescentar:

4. O aspecto da autodeterminação, onde a pessoa irá *transformar a compulsão em liberdade*, fornecendo direcionamento à vontade por meio de um projeto de *afirmação* fundamentado pelo *ser*, o qual é concebido como númeno.

Importa aqui que a vontade não está mais subordinada ao fenômeno, mas sim ao númeno.

Para ilustrar a presença de Kant, vejamos aqui, por exemplo, a questão do tempo enquanto *forma*. Na epistemologia kantiana, a matéria do fenômeno constitui a *sensação*, e as *formas* são as estruturas que possibilitam ordenar o material proveniente da experiência (MORA, 1996, p. 305). O tempo, em Kant, é uma forma *a priori* dos estados internos do ser humano, ou seja, é a forma da sucessão das representações no ser humano, enquanto ordenamento da percepção interna. Otto Rank irá preservar o conceito kantiano do tempo enquanto forma da consciência, ao mesmo tempo em que podemos verificar a presença do conceito de Schopenhauer da compulsão, enquanto origem de dor:

Therefore, from the standing point of the psychology of emotions, consciousness shows itself as a time problem in the sense that time represents the form of consciousness and by means of this time factor makes the different contents pleasurable or painful. Will as the constant driving force strive accordingly to prolong its pleasurable perceived affirmation through consciousness, to make the feeling of happiness lasting, that is, redeeming. Insofar as this prolongation succeeds, it is perceived as painful because compulsory (...). (Rank, 1978, p. 89).

Como podemos observar, existe a percepção da mudança dos estados internos; para Kant, este é o próprio fundamento de nossa percepção do tempo. É preciso também ressaltar que, no texto acima, Rank menciona o tempo como forma da consciência, fazendo uso claramente da epistemologia kantiana.

## 8. O númeno e a contingência

É preciso compreender que Kant havia aceitado o ceticismo de Hume, mas não pôde aceitar as suas consequências morais, que para Kant seriam intoleráveis. Assim, o que ele colocou como sendo impossível de se estabelecer pela razão especulativa, ele estabeleceu pela razão prática, o que lhe permitiu defender a razão contra o ceticismo. Isso permitiu a Kant mencionar de forma legítima o “*homo noumenon*, ‘cuja peregrinação está no céu’.” (Kant, 2012, p. 114), e isso sem precisar da metafísica, apenas referindo-se ao mundo moral.

Onde isso encontra Otto Rank? Justamente no “inefável espírito” mencionado por E. James Lieberman na introdução do livro *Psychology and the Soul*, de Rank, referindo-se à forma com que ele lidava com conceitos intangíveis, que para Freud eram apenas ilusão.

A experiência do númeno, concernente ao mundo moral, estará no âmbito dos princípios reguladores. Segundo Hans Vaihinger, as *ficções* mencionadas pelo jovem Nietzsche equivalem a princípios reguladores, delineando as fronteiras para o entendimento de uma realidade que é inexata e em constante fluir. Além disso, Denis Thouard nos recorda de que o númeno poderá ser pensado *simbolicamente*:

A imaginação se apropria disso, compelida por um impulso que pode ser compreendido subjetivamente, mas não pode ser acompanhado objetivamente. Esses domínios são deixados ao mito, à religião, à literatura, que têm o direito de suspender a referência. (Thouard, 2004, p. 75).

É preciso lembrar que, em Kant, o *conhecer* e o *pensar* não são equivalentes. Os fenômenos podem ser conhecidos e pensados, porém o númeno apenas pode ser pensado. Isso irá trazer grandes consequências. Muitas vezes se consideraria que algo que existe apenas simbolicamente não deveria ser levado em consideração. Se constituir apenas em um símbolo seria o equivalente a não existir. Porém, segundo Kant, aquilo que só pode ser pensado simbolicamente *deve* ser pensado simbolicamente, e irá estar presente na vida das pessoas *corretamente* enquanto um símbolo. Será justamente assim que teremos o mundo supassensível, onde as determinações são unicamente morais e expressas por meio da vida simbólica.

Poderemos compreender a atitude de Rank em relação à cultura, legitimamente, por esse caminho.

Otto Rank frequentemente colocou que o ser humano deseja escapar das determinações puramente materiais e biológicas rumo a determinações espirituais. Aqui, “espiritual” tem o mesmo sentido de “cultural”, fruto das escolhas do *ser* no universo das determinações morais, onde a vontade humana pode atuar. À luz de Kant, tudo isso remete ao númeno, e não à ilusão. O uso legítimo da razão nos leva ao *númeno*, ao incondicionado; a razão nos autoriza a pensar nele, sem que tenhamos a presunção – ou a necessidade – de obter dele qualquer dado sensível, pois o dado sensível pertence ao fenômeno, enquanto que a lei moral, que se origina da razão, necessita não do fenômeno, mas do númeno.

Pela via do númeno, Rank nos falará do *ser*, que perpassa as diversas ideologias de imortalidade, contingentes aos diferentes contextos da história, que ajudaram a pessoa a buscar a sua perpetuação. Porém, a pessoa, enquanto *ser*, nunca deixa de existir, pois ela não depende dessas ideologias para *ser*, mas sim para se *apresentar* no mundo. O ser continua incólume, se apresentando como destacado dos contextos sociais, que estão fadados ao fracasso. Será aqui que se realizará a proteção da subjetividade: ela é concernente ao númeno, ela não se altera com o mundo do fenômeno.

É importante se compreender que apenas o ser possui uma qualidade fundamental no sentido moral – a qual é importante para o pensamento de Rank na questão de que *o indivíduo não tem de se submeter ao fenômeno*, visto que o *ser* reside no númeno. Apenas isto pode colocar o indivíduo como independente da contingência; igualmente, permite que Rank questione as limitações das diversas ideologias de imortalidade que se sucederam ao longo da história, sem desacreditar a pessoa humana e o *ser*.

A importância dessa colocação do ser “à parte” se encontra em descartar qualquer aspecto que erroneamente poderia ser considerado “essencial” dentro do mundo dos fenômenos. Por essa via, Rank segue Kant em relação à autodeterminação moral. Ou seja, o ser humano não deve estar moralmente condicionado a nada do mundo sensível. As propriedades de afirmação e expansão da vida, e concomitante afirmação do ser, não residem em nenhum aspecto do mundo sensível, mas em como a vontade se expressa para conseguir essa afirmação. Vemos, portanto, que o *pragmatismo* se inseriu no *criticismo*.

## 9. Afirmação e dignidade

Pelo uso das próprias leis internas da razão, que são concomitantes à percepção do mundo sensível, torna-se coerente um posicionamento de respeito em relação ao ser humano e à sua dignidade. Rank, que faz o relato da obsolescência das ideologias de imortalidade ao longo do tempo, no “eterno drama da vida”, em certo momento menciona uma “queda do pano” da saga histórica, quando o ser humano poderia existir apenas por si:

Os objetos de minha pesquisa inicial – o herói, o artista, o neurótico – todos retornam novamente ao palco, não apenas como participantes do eterno drama da vida, mas, igualmente, após a queda da cortina: sem máscaras, desnudos, sem pretensões. Não

desacreditados em qualquer sentido, apenas humanos, enquanto eu mesmo não pretendo ser quem manipula as cordas, quem os diz o que fazer ou falar, nem quem os explica para a plateia.<sup>1</sup> (Rank, citado por Lieberman, 1997, p. 387-388, tradução nossa).

Assim, pode-se dizer que Rank considera o ser também fora da contingência histórica, onde o ser humano existiria mesmo depois de “haverem caído as cortinas do drama da vida”, onde o ser humano poderia existir “despido, sem máscaras, sem pretensões”, aonde ele poderia ser “apenas humano”, e em nenhum sentido poderia ser desacreditado.

Apenas no universo do númeno, aonde todas as determinações são morais, o ser humano pode ter assegurado o seu direito à dignidade moral, sem a necessidade de qualquer autoengano. Por esse motivo, se torna possível trazer essa vivência da ética para o mundo do fenômeno, da contingência. Se fosse de outra forma, a vida social seria um bloco monolítico de poder e dominação, onde cada membro da sociedade iria ser, para sempre, um cúmplice de sua própria dominação, sem a possibilidade de que o exercício da razão mostrasse outro caminho, pois uma crítica ao poder iria ser impossível para a faculdade da razão.

Podemos, nesse sentido, entender a pertinência da integração da epistemologia e da ética de Kant por Otto Rank, e, dessa forma, a correta colocação do *ser* da pessoa humana fora da contingência. A perspectiva de Rank, igualmente, também melhora nossa compreensão da pertinência do criticismo kantiano, que torna possível se evitar, simultaneamente, o dogmatismo e o ceticismo.

Colocando como o nosso ponto de partida os filósofos que influenciaram Rank em seu posicionamento, podemos dizer que a razão demanda que o *ser* esteja alocado fora da contingência, permanecendo incólume a ela. Ou seja, o *ser* necessita estar aonde Kant colocou o suprasensível: no mundo moral. Finalmente, se torna possível reconhecer a importância do repertório simbólico humano e suas manifestações, “sejam ilusões ou não”, pois a cultura, o sentido, e os valores humanos permanecem como afirmação na medida em que o *ser* habite o númeno.

---

<sup>1</sup> The subjects of my former interest – the hero, the artist, the neurotic – all come back once more on the stage, not only as participants in the eternal drama of life but also after the curtain has gone down: unmasked, undressed, unpretentious. Not debunked by any means, just human, while I myself do not pretend to pull their strings, to tell them what to do and say, nor to interpret them to the audience.





## Referências

- Kant, Immanuel. *Crítica da razão prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, 294 p.
- Kant, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Ícone, 2011, 541 p.
- Kant, Immanuel. *Filosofia da história*. São Paulo: Ícone, 2012.
- Lieberman, E. James., Kramer, Robert., orgs. *The letters of Sigmund Freud & Otto Rank – inside psychoanalysis*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2012, 365 p.
- Lieberman, E. James. *Acts of will: The life and work of Otto Rank*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1993, 488 p.
- Menaker, Esther. *Separation, will and creativity: the wisdom of Otto Rank*. New Jersey: Jason Aronson Inc., 1996, 236 p.
- Mora, J. F. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Nietzsche, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 362 p.
- Nietzsche, Friedrich. *A genealogia da moral*. Lisboa: Guimarães Editores, 1997,
- Nietzsche, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*, 8<sup>th</sup> edição. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1995, 236 p.
- Nietzsche, Friedrich. *Ecce homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1985, 153 p.
- Nietzsche, Friedrich. *Escritos sobre psicologia*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-RIO, 2013, 436 p.
- Nietzsche, Friedrich. *Humano, demasiado humano: Um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 349 p.
- Nietzsche, Friedrich. *Obras incompletas*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- Rank, Otto. *A psychology of difference: The American lectures*. New Jersey: Princeton University Press, 1996, 296 p.
- Rank, Otto. *Art and artist*. New York: W.W. Norton & Company Inc., 1989, 431 p.
- Rank, Otto. *Beyond psychology*. New York: Dover Publications Inc., 1958, 291 p.

Rank, Otto. (no date). *Modern education*. On-line: The Otto Rank Foundation: [http://www.ottorank.com/\\_b\\_four\\_otto\\_rank\\_books\\_in\\_one\\_file\\_b\\_122051.htm](http://www.ottorank.com/_b_four_otto_rank_books_in_one_file_b_122051.htm) ,  
acessado em 7/29/2015.

Rank, Otto. *O Duplo: um estudo psicanalítico*. Porto Alegre: Dublinense, 2013,

Rank, Otto. *Psychology and the soul*. Baltimore: The John Hopkins University Press. 1998, 148 p.

Rank, Otto. *The myth of the birth of the hero: A psychological explanation of myth*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2004, 143 p.

Rank, Otto. *The trauma of birth*. On-line: The Otto Rank Foundation, 1929: [http://www.ottorank.com/\\_b\\_four\\_otto\\_rank\\_books\\_in\\_one\\_file\\_b\\_122051.htm](http://www.ottorank.com/_b_four_otto_rank_books_in_one_file_b_122051.htm) ,  
retrieved 7/29/2015.

Rank, Otto. *Truth and reality*. New York: W.W. Norton & Company Inc., 1978, 99 p.

Schopenhauer, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, 695 p.

Schopenhauer, Arthur. *Sobre a ética: parerga e paralipomena (v. II, t. II)*. São Paulo: Hedra, 2014, 276 p.

Schopenhauer, Arthur. *Sobre a vontade na natureza*. Porto Alegre: L&PM editores, 2013.

Thouard, D. *Kant*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, 236 p.

Vaihinger, Hans. *A filosofia do como se*. Chapecó: Argos Editora, 2011, 723 p.